

ENTREVISTA RODRIGO GUIMARAES (por email em outubro 2011)

1) Como você começou a trabalhar com animação?

O meu pai* fotografava e em casa sempre tive contato com equipamento fotográfico, além disso vários amigos dos meus pais eram cineastas e fotógrafos. E meus pais também desenhavam e pintavam e sempre me incentivaram a desenhar, pintar e fotografar. E eu me interessava muito quando criança pelos desenhos animados da TV, não só como espectador mas também tinha curiosidade de descobrir como eram feitos. Naqueles tempos não havia o Google, então eu procurava livros sobre o assunto, pesquisava em enciclopédias, etc.

Então sempre procurei ler bastante sobre cinema em geral, mais especificamente sobre técnica - câmera, fotografia e efeitos especiais.

Mas eu comecei efetivamente a fazer animação depois de ver uma mostra de filmes do Norman McLaren no Museu da Comunicação (por volta de 1980), pois entendi como ele havia feito aquilo e percebi que podia fazer a mesma coisa em casa com uma câmera super-8. Meu pai me presenteou com uma câmera super-8 usada, mas muito boa, e junto com um amigo começamos a tentar reproduzir as técnicas do McLaren.

Depois de muitas experiências fizemos dois curtas em animação usando a técnica de Pixillation desenvolvida por McLaren, "O Himeneu" (1983) -

<http://youtu.be/B0IXc-WNy9M> e "Esplantoso" (1984) -

<http://youtu.be/5066JG9ii4k>, que passaram no festival super-8 de Gramado e foram bem recebidos na época, o segundo ganhando uma menção honrosa. Foi nessa época que acabei conhecendo o Otto, Maia, Lancast.

* Rodrigo Guimarães é filho de Josué Guimarães, escritor reconhecido da literatura gaúcha.

2) Na década de 70, houve a primeira turma do curso de animação do argentino Félix Follonier, que depois retornou ao estado no final da década 80, início de 90, criando mais turmas para o curso na época chamado de Cartoon International. O Follonier inclusive abriu um estúdio que produzia comerciais para a televisão. Vc teve contato com esse pessoal?

Eu sabia que o Otto havia estudado com o Félix, e quando fiz o curso no CTAV o Fábio Lignini, meu colega de curso, contou que havia começado a fazer animação através de um curso do Félix em Belo Horizonte. A ideia que fiquei do Félix é que graças a ele muitos animadores aprenderam e apareceram.

Quando ele veio a Porto Alegre nos anos 90 eu já estava trabalhando com computação gráfica para publicidade, e me lembro de ter ido uma vez até a RBS TV para uma reunião sobre algum trabalho e me apresentaram ao Félix, que estava montando uma sala na RBS para produzir desenhos animados com os alunos do curso que estava dando... mas depois não soube mais dele, nem se produziram alguma coisa.

3) Néstor Cordoba foi outro animador argentino de destaque, era professor nos cursos do Follonier e também animou várias propagandas quando morou em Porto Alegre. Vc chegou a conhecê-lo?

Não, o Néstor nunca conheci nem lembro de ter ouvido nada sobre ele.

4) Como você ficou sabendo da seleção que o Marcos Magalhães estava fazendo, de animadores para a primeira turma no CTAV, na década de 80?

Um dia saiu na ZH uma matéria sobre o Marcos Magalhães, e no final avisava que ele estaria em Porto Alegre para apresentar uma mostra de filmes de animação, e

que ele também estaria apresentando um projeto sobre **animação**, mas não dava muitos detalhes. No mesmo dia o Otto Guerra me ligou e disse que eu precisava ir nesta mostra (seria na Casa de Cultura Mario Quintana, eu acho), e que era para eu levar um currículo e portfólio pois o Marcos estaria recebendo inscrições para um curso no Rio.

Depois dos filmes, o Marcos falou sobre o estágio dele no NFB e explicou sobre o curso no Rio e o acordo com a Embrafilme, e já fiquei maluco querendo participar. Então no final da palestra me inscrevi e entreguei meu material, e algumas semanas depois soube que tinha sido selecionado.

5) Considerando a tua história pessoal, de que maneira esta experiência no CTAv contribuiu para a tua profissão na atuação com **animação?**

O curso do CTAv foi decisivo, um divisor de águas. Quando fui selecionado estava no segundo ano da faculdade de arquitetura, e as experiências de **animação** eram apenas um hobby. Tranquei a faculdade e fui morar no Rio, onde fiquei aqueles dois anos estudando e fazendo **animação** junto com um grupo ótimo de colegas e profissionais. Isto definiu a minha direção, e eu percebi que podia fazer disso uma profissão, o que para mim era quase inacreditável: lembro que naquela mostra em 1980 sobre o McLaren havia um documentário sobre ele, e mostravam ele acordando, tomando café, subindo no seu fusca e indo até o NFB onde iniciava seu dia de trabalho fazendo filmes de **animação**, e lembro da inveja que fiquei de alguém poder ter um trabalho destes, receber um salário para fazer **animação**. Quando voltei para Porto Alegre decidi terminar a faculdade apenas para completar o que havia começado, mas já sabia que não iria trabalhar como arquiteto.

6) Lembra quanto tempo foi necessário entre vc terminar a sua participação na turma do CTAv e abrirem o núcleo no RS?

Seria mais prudente verificar os registros dos jornais para saber as datas. Na metade de 1985 eu fui para o Rio, e os dois cursos ("Técnicas de **animação** de baixo custo" e "Técnicas de **animação** profissionais") duraram até a metade de 1987. Então voltei para POA e fizemos o primeiro curso no Museu da Comunicação para duas turmas de alunos, com equipamento e materiais fornecidos pela Embrafilme e pelo NFB. Isso deve ter ido até 1988, quando então veio a truca 16mm e montamos o núcleo de **animação** do RS no prédio da TVE, e fizemos o segundo curso para cinco alunos.

7) Como foi este processo de abertura do núcleo de **animação no RS? Houve facilidades por parte do governo (municipal, estadual ou federal)?**

Havia sim muita boa vontade de todos com o projeto do Núcleo. Primeiro do pessoal do Museu da Comunicação, que apoiou sem reservas tudo o que foi necessário para o curso inicial do Núcleo. Depois pelo pessoal do Codec, do Secretário que na época era o Appel e do Sena que coordenava a área de cinema. E por trás de tudo estava a Embrafilme e o NFB, que também bancavam o que era necessário. O problema maior era a burocracia dos órgãos públicos estaduais, era sempre difícil conseguir verbas, pagar profissionais, etc. Fica tudo muito engessado e demorado, o tempo das coisas passa. Com o governo municipal não houve contato, era apenas a nível estadual.

8) Como foi a seleção das pessoas para a primeira turma? Eram vagas limitadas? Como foi a procura? Acima ou abaixo do esperado?

A procura foi bem grande, fizemos uma boa divulgação. Havia duas turmas grandes, para teres uma ideia da minha falta de memória (física e documental) não lembro se eram 16 alunos no total ou em cada turma. O Otto, Maia e Lancast

me ajudaram e fizemos entrevistas com todos os interessados para selecionar os alunos, onde eles também mostravam seus portfólios. Depois nos reunimos e em comum acordo escolhemos aqueles que achávamos ter maior potencial.

9) Lembra de elementos marcantes que tenha aprendido como aluno na turma do CTAv e que foram reforçados no núcleo de animação do RS?

No curso do Rio eu aprendi vários exercícios interessantes de animação, em várias técnicas, que funcionavam muito bem em cursos do tipo que fizemos, então tentei reproduzir aqui várias destas experiências. Fazíamos alguns exercícios individuais, e outros coletivos, como quando fomos até o jardim botânico com um saco de fantasias, e o pessoal se produziu para filmarmos testes de pixillation com todos os alunos como atores.

Também tentei aqui dar um pouco mais de direção aos projetos individuais de cada aluno, pois no curso do Rio achei que os professores nos deixavam livres demais, eu pelo menos gostaria de ter sido mais "dirigido", pois estava aprendendo e precisava de orientação.

10) A proposta era que o núcleo tivesse um período de existência, para que depois todos os equipamentos pudessem ser enviados para outro estado do país ou era para o núcleo ter vida longa, até hoje?

A proposta era do equipamento ficar enquanto estivesse sendo utilizado. Mas nesse meio tempo ficou obsoleto, então ficou para sempre.

12) Houve mais de uma turma no núcleo de animação? Qual era o objetivo e dinâmica do grupo? Ensinar animação? Reunir pessoas interessadas em animação e desenvolver um projeto específico?

O objetivo do Núcleo era fornecer apoio a qualquer um que tivesse um projeto de animação e precisasse de equipamento e estrutura de produção. E também ministrar cursos para formar profissionais. Seria como uma versão menor do NFB, o estado fomentando produções animadas como forma de divulgação do próprio estado.

Houve um primeiro curso onde cada aluno fez uma vinheta de um minuto em 16mm (no Museu da Comunicação) e um segundo curso onde foram selecionados cinco alunos do primeiro curso para que cada um produzisse um curta de 5 minutos em 16mm. Este segundo curso já foi no prédio da TVE, com mesas de animação feitas sob medida com discos giratórios, a truca 16mm instalada, e todos os cinco alunos apresentaram e formataram seus projetos.

Mas o único aluno a terminar o filme foi o Tadao Miaqui, que fez o "Projeto Pulex", os outros alunos foram desistindo aos poucos e nenhum terminou o filme.

13) O Núcleo ocorre entre a primeira turma do Félix 1973, o curso do estúdio do Otto 1986 e a segunda turma 1990, do Félix? Vc percebe aproximação entre essas iniciativas, havia um diálogo entre vcs ou eram grupos que trabalhavam com enfoques distintos?

O meu diálogo era apenas com o Otto e sua turma, ele sempre apoiou o Núcleo, fez o possível para que acontecesse, inclusive me avisando da palestra do Marcos, me ajudando na seleção dos alunos. Mas nunca trabalhei diretamente com o estúdio, fui apenas um dia trabalhar fazendo intervalação para um desenho do Cebolinha, mas não segui adiante pois não era a minha praia.

14) O Tadao Miaqui, vc lembra em qual turma do núcleo ele fez parte? Comento porque eu cheguei a fazer curso com o Tadao (96/97) usando os equipamentos do NFB na década de 90, lá nas salas do prédio da TVE. Dentre as propostas do núcleo, uma era ser espaço para a formação de novas turmas?

Como disse acima (12) o Tadao foi o único aluno do segundo curso a terminar seu filme. Depois que eu saí do Núcleo, passei para o Tadao o bastão e pedi para ele seguir tocando e cuidando do equipamento. Com certeza fazia parte do projeto continuar a ministrar cursos de **animação**.

15) Há uma reportagem comentando que o objetivo dos núcleos regionais oriundos do CTAv/NFB era de 2 anos em cada estado? Vc confirma esta informação?

Acho que na época se falava em algo assim, mas na prática era uma maneira de fazer com que o Estado se comprometesse com a continuidade: o Governo Estadual tinha que dar sua contrapartida para o Núcleo, espaço físico e material, e caso não fizesse isso o equipamento seria mandado para outro estado. Era dito isso mais como uma forma de pressão, se o núcleo fosse implantado e funcionasse bem seria permanente.

16) Havia diálogo entre os núcleos regionais: Porto Alegre, Belo Horizonte e Fortaleza?

Na prática não, eu até conhecia as pessoas mas não havia contato. Eu tinha mais contato com o pessoal do Rio, que tinham sido meus colegas de curso e agora estavam também ministrando cursos (antes de criarem o Anima Mundi). Lembro de ir até o Rio na época entre o primeiro e o segundo curso do núcleo daqui e levei os filmes feitos no primeiro curso para mostrar, então eles projetaram para os alunos do curso que estava sendo dado lá no Rio.

17) Uma das reportagens menciona a criação de vinheta para a TVE. Sabe/lembra algo sobre isso?

Lembro disso ter sido falado na época, mas acho que na prática não aconteceu.

18) Você percebe a influência dos canadenses, através do NFB, no desenvolvimento da **animação no RS? Em caso afirmativo, como?**

Não saberia fazer esta análise. No desenvolvimento da **animação** em mim com certeza. Para a **animação** do RS acho que poderia ter tido uma importância maior se os cinco filmes do segundo curso tivessem ficado prontos. O filme do Tadao é muito bom, e foi premiado, mas era o filme de uma pessoa. Se tivéssemos os cinco filmes, e prometiam todos ser bons, apresentados como uma obra do Núcleo de **Animação do RS**, e este Núcleo se mantivesse como espaço permanente de cursos e produção, certamente teria tido um impacto bem maior e gerado bem mais "filhos". Acho que acabou sendo uma oportunidade perdida, com o tiro de misericórdia dado pela revolução digital.